

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,
um anjo torto
desses que vivem
na sombra disse:
vai, Carlos!
ser *gauche* na vida”

Drummond

No meio do caminho tinha um poeta
tinha um poeta no meio do caminho...
Havia um poeta...
Já faz dez anos...

Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA
Um garimpeiro
da arte popular

Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade teria comemorado noventa e cinco anos de idade em 31 de outubro de 1997. Tendo partido em 17/08/87, há dez anos sentimos sua falta. *Farewell*, sua última obra, "o testamento e o adeus do maior poeta" da Literatura Brasileira, foi publicada postumamente em 1996.

**10 anos
ausência** / **presença**

□ Pedro Jorge Salvador

Afrânio Coutinho, apresentando a **Obra completa** de Drummond, afirma:

Desde 1930, quando estreou com **Alguma poesia**, Carlos Drummond de Andrade não parou de crescer, projetando-se na literatura de seu país como das maiores figuras da poesia brasileira... Por isso, hoje, o poeta é reconhecido, no Brasil inteiro, como dos que melhor falam a linguagem de sempre e a de nossos dias. (2-p.11)

Este poeta existe pleno e vivo na consciência do universo. Sua obra é essencialmente visceral quanto ao homem, suas circunstâncias existenciais, suas deformações, suas ansiedades subjetivas e sociais, como bem expressou em "Mundo grande": (2-p.116/117)

Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.

Nele não cabem nem as minhas dores.

Por isso gosto tanto de me contar.

Por isto me dispo,

Por isso me grito,

Então meu coração também pode crescer.

Entre amor e fogo,

Entre a vida e o fogo,

Meu coração cresce dez metros e explode.

- Ó vida futura! nós te criaremos.

(Mundo grande)

Tanto no plano da problemática subjetiva como na perspectiva de uma "praxis", propondo um "agir", um novo comportamento humano na construção do social mais justo, a poesia de Drummond é um legado que deve ser preservado na galeria das grandes obras da literatura universal.

O seu processo criador caracteriza-se por uma incessante preocupação com o penetrar na palavra em todos os seus elementos constitutivos - fônico, etimológico, morfológico, sintagmático, paradigmático, semântico, semiológico:

Penetra surdamente no reino das pa-



***"Jesus já cansado de tanto pedido
dorme sonhando com outra humanidade"***

lavras

lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

(Procura da poesia; 2-p.139)

Se fôssemos percorrer todas as forças temáticas polarizadas em sua vastíssima obra poética, certamente levantaríamos tantas teses, que seria necessário um qualificado grupo de trabalho para tentar dar conta de tão arrojado empreendimento, ainda neste milênio, ou talvez até o ano 2002, quando do primeiro centenário do nascimento de Drummond.

No presente artigo, empreendemos apenas um tour, portanto uma pequena viagem por alguns dos temas acen tuados na obra drummondiana.

Venham, pois, prezados leitores, para essa amostragem que, certamente, espero, poderá motivá-los a uma

grande viagem, num futuro bem próximo.

1. Humor, comicidade e ironia

Desde a antigüidade greco-latina, filósofos e escritores demonstraram interesse em teorizar sobre a arte de fazer rir.

Platão, na **Leis**, associa o cômico ao que é moral e fisicamente faltoso, admitindo o riso como forma de compreender o sério. O desconforto do outro desperta um prazer malicioso, residindo aí a essência do cômico. Prazer e dor misturam-se no risível.

Aristóteles, vendo na comédia a imitação de "um tipo mais baixo", admite o grotesco como representação de um ângulo do feio.

Cícero, na cultura latina, esclarece que a comédia afirma uma verdade maior do que os erros que ela ridiculariza e critica. Representa "uma imitação da vida, um espelho de costumes, uma imagem da verdade". (3-p.110)

Na modernidade, Henri Bergson e Sigmund Freud enriqueceram, com suas teorias, a literatura sobre o humor e o cômico.

Bergson vincula o riso a um procedimento social. A rigidez, o mecanis-

mo, a falta de elasticidade do ser humano diante das situações mutáveis da vida estabelecem o cômico.(4)

Freud, vinculando o riso ao "princípio do prazer", distingue o chiste, o humor e o cômico, envolvendo gracejo, piada, anedota e um jogo de palavra, ou idéias. Já o cômico implica a percepção de algum contraste com objetos lúdicos, gozados, alegres e ridículos. A obstinação em perseguir uma idéia ou um propósito inflexivelmente, com desatenção para as circunstâncias mutáveis, torna o indivíduo cômico. Exemplo típico é Dom Quixote, de Cervantes. O humor surge de emoções dolorosas, num processo de economia do sentimento de desprazer ou de dor. É notável a superioridade de espírito do homem de humor. (5)

Na obra poética de Drummond, o humor, o cômico e a ironia manifestam-se insistentemente. Assim é que na primeira estrofe do "Poema de sete faces", que abre o primeiro livro de poesia de Drummond, **Alguma poesia** (1930), já temos: (2-p.53)

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai Carlos! ser gauche na vida*

Na figura do "anjo torto" a pitada da comicidade, do humor, da ironia. Em nossa tradição cultural, o anjo, principalmente o nosso anjo da guarda, deve ser um espírito perfeito, com asinhas lindas, todo bonitinho, como os anjinhos barrocos. E Drummond apela, conscientemente, em seu cartão de visitas, para um anjo defeituoso e vivente das sombras.

A grotesca figura desse anjo marcará a linha do humor, da ironia, da comicidade na poesia de Drummond. Sendo torto e sem luz só poderia comicamente indicar-lhe o caminho errado, *gauche*, esquerdo.

Na força temática do humor, do cômico e da ironia, encontraremos sempre, na obra drummondiana, uma proposta de riso, corrigindo o mundo contemplado, no aforismo *Ridendo*



**Drummond, em 1955,
em São Paulo, com o
poeta Manuel Bandeira**

castigat mores. (Rindo castigamos, corrigimos os costumes.)

Vejam os alguns lances (os grifos são nossos):

1.1. Papai Noel entrou pela porta
dos fundos (no Brasil as chaminés não
são praticáveis),
entrou cauteloso que nem marido
depois da farra.
(Papai Noel às avessas; 2-p.68)

1.2. Quadrilha

*João amava Teresa que amava
Raimundo
que amava Maria que amava Joa-
quim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Te-
resa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Ma-
ria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com
J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*
(2-p.69)

No jogo cômico aparece uma cadeia mecânica e automática, por um rotineiro convívio das pessoas, como bonecos de mola ou de boliche. O inesperado da vida desarticula as relações

mais simples e esperadas. Ao ser humano repugna o automatismo e o prefixado.

1.3. *Se meu verso não
deu certo, foi seu ouvido
que entortou* (2-p.77)

Não é boa desculpa, com humor, para aceitarmos as críticas e continuarmos fazendo o que bem entendermos?

1.4. *Jesus já cansado de
tanto pedido
dorme sonhando com
outra humanidade.*
(Romaria; 2-p.78)

Perguntamos a nós mesmos: Quando daremos descanso a Deus?

Quando a humanidade será fraterna? Quando a humanidade será outra?

1.5. *Amor é bicho instruído.*
(O amor bate na aorta; 2-p.85)

1.6. *Este não é o Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso exis-
tirão os brasileiros?*
(Hino nacional; 2-p.89)

Meus caros leitores, o que vocês acharam?

Será que já existe o Brasil? Será que nós brasileiros realmente existimos como cidadãos?

1.7. *Meu olhar desnuda as
passantes.
às vezes um bico de seio
vale mais que o melhor Baedeker.
Mas onde seio para minha sede?*
.....
Ora viva o amendoim.
(O procurador do amor; 2-p.90)

E aí, leitor? Seria cômico se às vezes não fosse trágico, é ou não é? Não é em vão que cultivamos o mito das coisas... Pagamos um preço, em prol de uma civilização. Eros buscando se saciar, mas a "doxa" (os costumes, as leis) cerceando-nos o que poderia ser o melhor, na liberação do desejo, quando os estímulos nos excitam. É a repressão da cultura, a que somos submetidos. Como nos diz Lacan, somos

sujeitos barrados... O humor ainda é uma saída...

1.8. *Tão delicados (mais que um arbusto) e correm*

de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes

não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes.

Coitados, dir-se-ia não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível

e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes

e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

Toda a expressão deles mora nos olhos...

(Um boi vê os homens; 2-p.238)

Conforme nos ensina Jankelevitch (6), a ironia é um modo inteligente, sarcástico e com intenção depreciativa, referindo-se a alguém. Na imagem do boi, muitas vezes signo de magnitude e montaria dos sábios, Drummond ironiza a cômica situação do homem, na vida moderna, correndo de um lado para outro. Com os sentidos embotados, perdem as melhores percepções da vida: os sons da natureza, a contemplação do espetáculo de existir. Os interesses imediatos aos olhos parecem dominar os desejos, instantâneos e efêmeros. O essencial fica-lhes imperceptível. Na depreciação irônica do poeta, uma advertência: "Ganhei (perdi) meu dia" (Elegia; 2-p.286).

1.9. *Há alma no homem?*

E quem pôs na alma

algo que a destrói?

Para que serve o homem?

para estrumar as flores,

para tecer os contos?

Para servir o homem?

para criar Deus?

Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?

Como quer o homem

ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?

Que sonho, que sombra?

Mas existe o homem?

(Especulações em torno da palavra homem; 2-p.303)

Problematizar as bases dogmáticas de uma tradição cultural religiosa em interrogações abruptas, contrapondo respostas também interrogativas, é uma ironia cruel, não dando quase tempo ao leitor para refletir e interpor suas próprias respostas, sedimentadas na formação cultural religiosa. Esse texto é todo interrogativo, ironicamente questionador. Se o poeta não tem as respostas, ironiza a possibilidade de resposta, colocando toda a estrutura da metafísica clássica e dos ensinamentos bíblicos em xeque.

Diante de uma estrutura sócio-político-econômica tão voltada para o egoísmo e as desigualdades, de que valeram até hoje todos os ensinamentos religiosos? Do que valeu toda a Teologia? De que valeu toda a construção filosófica, antropológica, sociológica, se o homem continua tão primitivo, tão *Homo hominis lupus* (o homem lobo do homem)?

Na ironia dos questionamentos, há que se interrogar realmente: "Mas existe o homem?" Ou Marx estaria certo classificando-nos como "Humanóides"?

Na desconstrução irônica do poeta, um profundo alarme à nossa reflexão.

Chegaremos ao terceiro milênio "Homens"?

1.10. *A bomba*

pula de um lado para outro gritando: eu sou a bomba

A bomba

é um cisco no olho da vida, e não sai

A bomba

fede.

A bomba

com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se salve.

A bomba

não destruirá a vida

O homem

(tenho esperança) liquidará a bomba.

(A bomba; 2-p.352/356)

Na comicidade da imagem da bomba pulando de um lado para outro, a proclamação: "Eu sou a bomba". Personificação do poderio bélico. Sujeição da humanidade aos artefatos destruidores. Humor e ironia se conjugam nos três dísticos seguintes, em ser a bomba um cisco no olho, incomodando a todos; fedendo e (máximo da ironia) num plano de superioridade ao ser humano, parece dar um *ultimatum* ao homem: "Decifra-me ou morrerás". Postura esfíngica, ameaçadora de uma besta. Como todos os mitos criados pelo homem, a bomba tripudia sobre o homem, exercendo a sua dominação e subjugando o medroso e amedrontado homem.

Partiu o Poeta sem ver a destruição da bomba. Ainda hoje, assistimos, estupefatos, à bomba pulando de um lado para outro, matando, mutilando. As poderosas nações resistem em não mais fabricar "minas". Milhares de pessoas morrem ou são mutiladas por bombas, de tudo quanto é tipo, na face da Terra. Que espetáculo horrível, aos olhos sensíveis de Drummond, que ainda afirmou, até o último instante de sua vida, a sua esperança por uma vida mais humana neste vasto vale, que continua sendo de lágrimas. Até quando a bomba continuará pulando de um lado para o outro? Até quando?... *Quousque tandem?*

2. O Trágico

Quando falamos em *trágico*, imediatamente nos ligamos às tragédias, especialmente na Literatura Grega (Rei Édipo - Antígone - Medéia e tantas outras).

No entanto, é importante observarmos que a essência do trágico está na tensão entre pólos antagônicos, nos quais o homem se debate: Primeiro: O Homem, com sua *physis* (natureza) em sua finitude, sua limitação, sua imperfeição; Segundo: O Mundo, com todos os seus procedimentos culturais, estabelecendo horizontes existenciais.

A tensão que surge nas inquietudes humanas pela busca da realização de seus desejos, provocando no homem, através da repressão, recalques (no conceito freudiano), acaba gerando o trágico, pois o homem inevitavelmente incorre em *hamartia*: erro, devido à

sua *hybris*: desmedida provocada geralmente por um ânimo desejante, que quer ultrapassar os próprios limites.

Nesse jogo tenso do existir reside o possível trágico.

Drummond em sua obra poética deixa marcas bem acentuadas dessa tensão, dessa inconformidade com as limitações humanas.

Retomemos o fio condutor desse nosso tour, com a devida precaução, para não desistirmos no meio do caminho, pois nas profundezas, às vezes, falta o ar, o estômago embrulha, a cabeça gira e a gente não sabe bem onde está. Mas vamos lá, prezado leitor, respiremos fundo...

"No meio do caminho" (2-p.61/62)

2.1. *No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra*

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tinha uma pedra.

Este é um dos mais comentados poemas de Drummond. Composto praticamente de três versos: *No meio do caminho tinha uma pedra./ Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas* a repetição é insistente, saturada. Gerou polêmicas no meio crítico literário. Era a afirmação do Modernismo.

Aí reside, no entanto, uma camada do trágico. No caminho do ser humano, uma pedra, mesmo que seja uma pedrinha no sapato: todos nós enfrentamos obstáculos.

No trágico mito, Sísifo está condenado a rolar, montanha acima, ingen-



**"Meu olhar desnuda
as passantes...
às vezes um
bico de seio..."**

te bloco de pedra. Quando atinge o cume, a pedra despenha-se declive abaixo e o infeliz Sísifo, esfalfado, ofegante, recomeça a penosa tarefa de rolá-la montanha acima. E assim, por toda a eternidade. (7-p.237)

A condenação trágica de Sísifo, na mitologia grega, simboliza a nossa trágica limitação humana de lutar contra as forças imperiosas que nos condenam à não-realização plena de nosso desejo. Jamais teremos a sensação da completude realizada integralmente. Eis uma condição humana, levada às vias do trágico: tensão dialética no plano existencial. Desde Platão, a Freud e a Lacan, o homem é um ser partido. Nele está inscrita a falta. Por imaginária que seja, a pedra é um signo do obstáculo, é a "barra", "a cunha" que nos separa, que nos corta e imprime em nós a marca da falta, do interdito.

Drummond atualiza o trágico mito de Sísifo. Não carrega a pedra ao cume

do monte para vê-la rolar declive abaixo. Coloca a pedra "no meio do caminho". Nela tropeçamos, nela nos ferimos. E sabemos que a pedra estará sempre ali - no meio do caminho - na vida de nossas retinas, ainda que tão fatigadas. E temos plena consciência disso. A insistente repetição da "pedra no meio do caminho" denota, com os ensinamentos de Freud, "o processo incoercível e de origem inconsciente, que nos coloca ativamente em situações penosas, repetindo experiências antigas sem nos recordarmos do protótipo, tendo a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente modificado na atualidade. Este é o nosso trágico destino... Chegamos até a encontrar prazer no processo. A dificuldade, a falta nos estimula à ação.

2.2. *"Nosso tempo"
Este é tempo de partido
tempo de homens partidos*
(2-p.144)

"Nosso tempo" é um longo poema estruturado em oito partes, em estrofes assimétricas, na poética da modernidade. As conotações advindas, não só do campo fonológico, mas também da massa semântica do dístico inicial, sugerem a imagem do tempo moderno, em que tensões, choques e fragmentação esfacelam o ser humano, no difícil convívio. Na construção de sintagmas díspares, mais choque rítmico. É caótica e trágica a condição do homem moderno:

"Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.

As leis não bastam. Os lírios não nascem

da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se

na pedra." (2-p.144)

Numa linguagem violenta, a metonímia das necessidades básicas do homem: alimentação (carne), trabalho (fogo) e vestimentas, educação, moradia, saúde - (sapatos) - o poeta contesta o sistema sócio-político-eco-

nômico em que vive o mundo moderno: o capitalismo imperialista, causador de tantas desgraças.

Escuta a hora expandongada da volta.

Homem depois de homem, mulher, criança, homem, roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,

homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem, imaginam esperar qualquer coisa, e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se, últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,

já noite, entre meros apagados, numa suposta cidade, imaginam.

Escuta o horrível emprego do dia em todos os países de fala humana, a falsificação das palavras pingando nos jornais. (2-p.146/147)

Drummond pinta um quadro, um ícone, dos tempos modernos. Lembra-nos o que Charles Chaplin nos mostrou no filme *Tempos Modernos*. O autoritarismo, a massificação, a coisificação do ser humano, caminhando como autômatos, aos pedaços, estilhaçados e amontoados no retorno de mais um dia de trabalho (de trabalho ou de morte?). Há um isomorfismo - correspondência direta entre plano de expressão e plano de conteúdo (Hjelmslev) - com o qual o poeta denuncia com a imagem da mutilação, da fragmentação e da dispersão uma trágica alegoria do quadro humano da atualidade. É a "fáscies hipocrática" (a caveira - Walter Benjamin), os escombros em que vivemos, nosso mundo de aparências do "Bom dia!", "Tudo bem?", "Estabilidade econômica", "vivemos melhor agora". Resta ao homem "imaginar voltar para casa, numa suposta cidade..." (2-p.147)

Diante de tanta amargura, salva-nos o imaginário. Será o último recurso para não se consumir a tragédia final?

Drummond encerra esse longo texto, com uma veemente proposta:

O poeta declina de toda responsabilidade na marcha do mundo capitalista e com suas palavras, instituições, símbolos e outras armas

promete ajudar a destruí-lo como uma pedreira, uma floresta, um verme.

Com a proposta da ajuda, talvez o maior legado deixado pelo poeta, Drummond se apresenta na luta pela construção de um mundo melhor.

Se é preciso destruir o atual estado das coisas, é para construirmos um mundo melhor, livre da exploração, fundamentado em valores humanos da verdadeira fraternidade, como nos diz em outro poema. (Mundo grande - p.117)

Ó vida futura! nós te criaremos.

E acertadamente reafirmou em "O homem: as viagens" (8 - p.20/22):

só resta ao homem (estará equipado?) a difícilíssima e perigosíssima viagem de si a si mesmo: pôr o pé no chão do seu coração experimentar colonizar civilizar humanizar o homem descobrindo em suas próprias

inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

Sem dúvida, a grande proposta na obra drummondiana é o despertar da consciência, ainda que trágica, e da sensibilidade do homem, para a grande viagem, ainda que difícil e perigosíssima: conhecer-se a si mesmo e descobrir nas suas próprias entranhas a nova e perene fonte do prazer, da felicidade de viver e de conviver.

Filósofos, sociólogos, psicólogos, políticos, religiosos, antropólogos e pensadores em geral concentram a atenção dos homens, com suas fórmulas mágicas ou científicas, propondo caminhos para a humanidade. E onde chegamos? Onde estamos?

Os artistas, e aqui em especial a Literatura, pouco são ouvidos. A arte - a poesia - é confeitaria... É discurso vazio. É ficção. É imaginário... É adorno para paredes ou estantes... No máximo serve para preencher as horas vagas. É ociosidade...

Na tradição desse discurso alienante, a arte - a poesia - é jogada para escanteio. Por quê? O "poder" sabe quanta verdade há na arte. O artista - o poeta - desmascara a hipocrisia dos interesses, principalmente de certos filósofos, de certos sociólogos,



políticos, que reproduzem as propostas do capitalismo imperialista, afirmando um neo-liberalismo, como se aí residissem as soluções para o homem.

E a voz da arte, do poeta, é silenciada mais uma vez. Por quê?

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*
(Camões - Os Lusíadas)

E a tragédia continua.
Como em *Hamlet*, de Shakespeare:

*Isso não é bom, nem vai acabar
bem. Mas estoura, meu coração! Devo
conter minha língua!*
(9-p.104)

Na era de tanta tecnologia, e da criação virtual, na dublagem do mundo na realidade das imagens do objeto (o crime perfeito, segundo Jean Baudrillard), é preciso que o homem, mais do que nunca, empreenda a viagem de si a si mesmo, redescobindo a sua subjetividade e a beleza do objeto, para que isso seja bom e venha a acabar bem. Que o homem redescubra o mundo. Que o homem reinaugure as suas relações com os objetos reais.

2.3. "A casa do tempo perdido"

Farewell, publicado em 1996 pela Record, é obra póstuma que Drummond deixou pronta. É o testamento e o adeus do poeta.

Considerando que as imagens da infância - a casa, o núcleo familiar, Itabira - constituem forte núcleo temático na obra de Drummond, convido os caros leitores a também vivenciarem a regressão a essas imagens que nos acompanham por toda a vida, malgrado a ação corrosiva do tempo.

Pela percepção, estão gravadas em nosso inconsciente. O tempo corrói tudo no mundo material, mas, em nosso inconsciente, as imagens permanecem vivas, inteiras. É o que nos afirma Freud em *Construções em análise* (Vol. XXIII - p.293/294).

Drummond regressa à casa da infância, não com saudosismo romântico, melancólico ou piegas, mas sim na

revivescência trágica da limitação e finitude do homem, vítima também do tempo, do qual não pode fugir. Porém as imagens no inconsciente estão vivas. Vejamos o texto:

*Bati no portão do tempo perdido,
ninguém atendeu.*

*Bati segunda vez e mais outra e
mais outra.*

Resposta nenhuma.

*A casa do tempo perdido está co-
berta de hera
pela metade; a outra metade são
cinzas.*

*Casa onde não mora ninguém, e eu
batendo e chamando
pela dor de chamar e não ser escu-
tado.*

*Simplesmente bater. O eco devol-
ve
minha ânsia de entreabrir esses pa-
ços gelados.*

*A noite e o dia se confundem no
esperar,
no bater e bater.*

*O tempo perdido certamente não
existe.*

É o casarão vazio e condenado.
(*Farewell* - p.15)

Perceba o leitor a beleza sonora do primeiro verso conjugado com o segundo, onde a sequência das consoantes bilabiais b/p e das labiodentais t/d formam quase a onomatopéia do próprio ruído do ato de bater no portão. Veja ainda o extraordinário efeito, no segundo verso, dos sintagmas: "segunda vez e outra e mais outra."

Com esses dois versos iniciais, já entende o leitor como Drummond penetra no reino das palavras, com a chave que ele tão bem manuseava para escrever seus poemas.

A resposta aos dois versos, que simbolizam as batidas, é a segura trágica do terceiro verso: "Resposta nenhuma", difícil de se aceitar, difícil até de ser pronunciada na rigidez dos fonemas constitutivos dos dois significantes.

No processo da regressão, reconstrói-se a imagem da casa, arqueologicamente, em duas metades: uma coberta de hera; outra, cinzas. Metáforas da corrosão do tempo. Embora a imagem no inconsciente esteja inteira, a dor do poeta na inviabilidade do desejo em reconstruir todo o passado, expressa a ação do tempo que jamais voltará. O eco, signo da reduplicação da voz do gritante no vazio real, afirma o real do vazio. Só resta ao poeta esperar e continuar batendo. Mas a consciência de que nada mais ~~existe~~ propõe a conclusão final nos dois versos derradeiros: tudo está perdido, só resta a imagem do vazio.

E não é trágico? Drummond nos coloca frente a frente com a cruel realidade humana: a condenação de ver e sentir a corrosão do tempo na esfera da realidade, enquanto em nosso íntimo as imagens, as lembranças afloram trazendo-nos a ânsia de entreabrir esses lugares, para sempre perdidos. E quando se



aproximam as datas solenes do Natal e do Ano-Novo, intensificam-se as nossas imagens profundas gravadas na infância e pela vida afora...

*"Mas estás vivo. Ainda uma vez estás vivo
e de copo na mão
esperas amanhecer."*

Só nos resta a possível esperança:
Feliz Natal e Próspero Ano-Novo!

*O último dia do ano
não é o último dia do tempo
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida.*
(Passagem do Ano; 2 - p. 148)

3. O amor

*Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?
Este o nosso destino: amor sem conta.*

(Amar, p.247)

A temática amorosa integra a obra de Drummond, nas suas mais variadas faces.

Vamos viajar, caro leitor, numa linha de pensamento mais suave, já que o amor nos convoca a todos. Saibamos de antemão que, em matéria de amor, nunca encerramos o assunto.

Platão assim o fez no **Fedro**. Após longa exposição sobre o amor, Sócrates faz uma prece a Pã - o deus que faz conhecer tudo, põe tudo em circulação e é a própria linguagem ou é o início da linguagem e diz: caminhemos. Portanto, o assunto não se encerra. É uma primeira grande lição do filósofo.

Com Drummond, caminhemos também.

3.1. "Erotismo"

*Oh! Sejamos pornográficos
(docemente pornográficos)*

Quais os limites entre erotismo e pornografia? Difícil responder, pois é muito relativo, dependendo do momento e do espaço cultural em que se vive. Além disso, o sentido das palavras é variável no tempo, e de lugar para lugar. Freud nos lembra que "branco e preto" têm como raiz "black (inglês)" e "blanc (francês)". E o que é mais estranho: "puta" significava "virgem", o que é lembrado pelo próprio



***"Não, meu coração
não é maior
que o mundo.
É muito menor."***

poeta. Além do mais, preconceitos, tabus e a repressão moral e religiosa muito dificultam a expressão do erotismo na arte.

Drummond sempre deixou marcas do erotismo desde a sua primeira obra **Alguna poesia**, em 1930.

*A dançarina espanhola de Montes
Claros
dança e redança na sala mestiça.*

*.....
Como rebola as nádegas amarelas!
Cem olhos brasileiros estão seguindo
o balanço doce e mole de suas tetas...*
(Cabaré mineiro; 2-p.72)

*Mariquita, dá cá o pito,
no teu pito está o infinito
(Toada de amor; 2-p. 55)*

*E os corpos enrolados
ficam mais enrolados ainda*

e a carne penetra na carne.
(Casamento do céu e do inferno; 2-p.54)

Com esses pequenos recortes de **Alguna poesia**, percebemos que o erotismo se constituirá numa das forças centrais na poesia drummondiana.

Eros é o amor, o deus do Amor na mitologia grega. Para Freud, o conjunto das pulsões de vida em contraposição às pulsões de morte (tânatos). Tratadistas como Bataille, Gaitan Duran e Denis de Rougemont, além das propostas dos poetas clássicos, e de todos os tempos, mostram como o erotismo tem um sentido transcendental, místico, agenciador de uma energia holística, unindo no imaginário absoluto. É nessa linha de pensamento, e de sentimento, que o erotismo se distingue essencialmente do pornográfico - vulgar, grosseiro, degradante - banalidade.

Mesmo assim, Drummond se resguardou o quanto pôde. Fato praticamente único na literatura brasileira, **O amor natural**, só efetivamente publicado em 1992, portanto cinco anos após a morte do poeta, reúne quarenta poemas puramente eróticos. Luís Maurício Graña Drummond, neto do poeta, em boa hora assumiu a responsabilidade de publicá-los, pela Record.

É uma poesia de apuradíssimo valor estético, integrando-se na obra de Drummond como legítima produção de arte. Observemos, ainda, que o livro é ilustrado por Milton Dacosta, imprimindo-lhe sugestiva sensualidade visual.

Caminhemos agora em alguns textos.

3.1.1. "Oh minha senhora
Ó minha senhora"

*Oh minha senhora ó minha senhora
oh não se incomode senhora minha
não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico
por Deus nosso redentor minha
senhora não dê importância a um simples mortal
vagabundo como eu que nem mereço a glória de quantomais de...
não não não minha senhora não me desabotoe a braguilha não precisa
também se despir o que é isso é verdadeiramente
fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para*

semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? Sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas náds... tanta nudez me deixa naufragando me mata me pulveriza louvado seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu... (10-p.59)

É, caro leitor, certamente um dos mais extraordinários poemas em prosa da literatura.

Do "Oh" exclamativo ao "Ó" vocativo, o espanto e o reconhecimento diante do "fazer amor". Na seqüência sintagmática, excluindo vírgulas e pontos, exceto as reticências, nota-se o crescer das pulsões de "eros" culminando no orgasmo final, onde as palavras são suspensas, na explosão e na descarga das sensações psíquicas e orgânicas, com a realização do desejo.

A invocação de Deus e ao Divino Espírito Santo conotam a total emoção ou comoção, num tom quase carnavalesco em que Céu e Terra se misturam, no "simples mortal vagabundo", no momento (in)esperado do amor. Note-se que as reticências em *Senh.../náds.../eu eu.../* são do próprio texto. Significativamente conduzem à suspensão das palavras pelo crescer das emoções, no ferver do desejo...

3.1.2. Caminhemos em alguns recortes, na impossibilidade momentânea de textos completos.

- A) Amor - pois que é palavra essencial. Reúna alma e desejo, membro e vulva. (10-p.05)
- B) E silenciem os que amam entre lençol e cortina ainda úmidos de sêmen, estes segundos de cama. (10-p.13)
- C) A moça mostrava a coxa a moça mostrava a nádega Só não me mostrava aquilo (10-p.21)
- D) beijo abstrato, antes do beijo ritual, na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado (10-p.21)
- E) A língua girava no céu da boca. Gi-

rava! Eram duas bocas, no céu único. (10-p.29)

- F) Nunca pensei ter entre as coxas um deus. (10-p.33)
- G) Já sei a eternidade: é puro orgasmo (10-p.35)
- H) Não quero ser o último a comer-te. Se em tempo não ousei, agora é tarde. (10-p.55)
- I) Só a bunda existia, o resto era miragem. (10-p.58)
- J) Quero sempre invadir essa vereda estreita onde o gozo maior me propicia a amada. (10-p.72)

Se há o desejo de saborear os textos completos, e isso é muito bom, o recurso é o livro **O amor natural**, de fascinante erotismo...

Observamos como Drummond, um poeta do erotismo, expressa as questões levantadas pela psicanálise concernentes à falta, ao corte, à Fenda. No jogo da dubiedade, o erotismo se manifesta. No aparecer/desaparecer, como bem simbolizou Roland Barthes. (12-p.76)

3.2. O Amor - "filia e ágape"

É o Amor da permanência dos afeitos, dos laços amorosos que nos unem familiarmente ou de modo fraternal, na proposta da caridade universal.

Drummond assim se manifesta na esperança e na convicção de que o Amor é a palavra essencial.

É no Amor que reside a possibilidade da imaginária união. O "nascer de novo", o sentido do existir.

*Eis que um segundo nascimento,
Não adivinhado, sem anúncio,
resgata o sofrimento do primeiro,
e o tempo se redoura
Amor, a descoberta
de sentido no absurdo de existir*
(Nascer de novo; 11-p.39)

Em 1973, Drummond publica **As impurezas do branco**. Com vários poemas centrados no Amor, quero ressaltar:

- a) Amor é o que se aprende no limite depois de se arquivar toda a ciência herdada, ouvida.
Amor começa tarde.
(Amor e seu Tempo; 11-p.36)

Biblioteca/CLDF

Este é o terceto final do soneto. Há uma profunda "filosofia" sobre o Amor. Na aprendizagem do que é o Amor, a reflexão sobre o limite em que se vê o homem, tendo que desaprender muita coisa herdada numa cultura que se impõe uma "doxa".

Não foi à toa que Drummond intitulou um de seus livros **Amar se aprende amando**. Todo amor é uma aprendizagem sem fim...

- b) Quero (8-p.37)

*Quero que todos os dias do ano
todos os dias da vida
de meia em meia hora
de 5 em 5 minutos
me digas: Eu te amo.*

*Quero que me repitas até a exaustão
que me amas que me amas que me amas.*

*Se não me disseres urgente repetido
Eu te amoamoamoamoamo,
Verdade fulminante que acabas de
desentranhar, eu me precipito no
caos,
essa coleção de objetos de não-
amor.*

Se percorrermos toda a série literária, relacionando os poemas centrados no Amor, que sintetizassem todas as propostas filosóficas, psicológicas e existenciais, na busca incessante que o ser humano empreende no seu ato de existir, esse poema de Drummond, "Quero", sem dúvida estaria entre os mais significativos.

Sua elaboração simples, em palavras e estrutura, seu ritmo de declaração coloquial, estabelecem uma dicção, a um tempo sussurrante e como um ultimatum.

Eros = vida = Amor.

Não-amor = caos/coleção de objetos
E o homem oscila nessa equação. A verdade no dizer e no ouvir "Eu te amoamoamoamoamo" constrói todo o sentido possível para permanecer-mos vivos. É tão fulminante que no plano da expressão não pode haver interrupção, razão pela qual o poeta grafa a seqüência ininterrupta "amoamoamoamoamo".

E isso está em nossas entranhas. É a mensagem maior com que encerro a nossa pequena caminhada do Amor. Que os prezados leitores continuem a viagem...

4. Resta uma inquietante pergunta: e Deus? Onde está Deus, na poesia de Drummond?

Deus é sempre a grande questão, em qualquer obra na face da Terra.

Drummond não se excluiu dessa inquietude. Pelo contrário. Voltemos mais uma vez à sua primeira obra, em 1930, **Alguma poesia**. No primeiro poema, "Poema de sete faces", Deus está presente três vezes:

a) *Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração*

b) *Meu Deus, por que me abandonas-
te
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

No item "a" "meu Deus" mais parece uma interjeição, sem a carga semântica de referência a Deus, centro das questões. É verdade. Mas no item "b", "Meu Deus" é vocativo, está sendo invocado, é a Ele que o poeta se dirige, com toda a Sua plenitude semântica: Deus. Está numa função fática, segundo Jakobson.

A terceira ocorrência de "Deus" (*se sabias que eu não era Deus*) evidencia a condição humana: fraqueza, finitude, limitação.

Fica estabelecida a relação entre Deus e o Homem, numa tensão de inquietude, que se manifestará insistentemente na obra do poeta, com interfaces as mais variadas. É verdade que Drummond não vai aceitar acomodadamente a questão. Haverá uma constante dialética entre Deus e Homem.

Vejamos, caro leitor, algumas outras ocorrências, às vezes permeadas pela ironia, ou pelo humor, ou pelo trágico.

1) *Os romeiros pedem com os olhos,
pedem com a boca, pedem com as
mãos.
Jesus já cansado de tanto pedido
dorme sonhando com outra huma-
nidade.*
(Romaria; 2-p.78)



O poeta Carlos Drummond com o escritor Jorge de Lima em 1952

Dupla ironia: em relação a Jesus e em relação à humanidade.

2) *No céu também há uma hora me-
lancólica.
Hora difícil, em que a dúvida pe-
netra as almas.
Por que fiz o mundo? Deus se per-
gunta
e se responde: Não sei.*
(Tristeza no Céu; 2-p.127)

Toda a proposta teológica se esvai no ceticismo

3) *Deus - ou foi talvez o diabo -
deu-me este amor maduro,
e a um e a outro agradeço, pois
que tenho um amor.*
(Campo de flores; 2-p.250)

Uma colocação entre o Bem e o Mal. O importante é o Amor.

4) *Para que serve o homem?
para criar Deus?
Sabe Deus do homem?
E sabe o demônio?*
(Especulações; 2-p.303)

Vejam, perguntas de inquietude. E as respostas? O poeta não dá, ironicamente. Pensem os leitores...

5) *Deus é espinho. E está fincado*

no ponto mais suave deste amor.
(O padre, a moça; 2-p.330)

Quanta inquietude num amor (proibido) quando a imagem de Deus se interpõe. Vem a sensação de pecado, de culpa. É o espinho fincado...

6) *Vi nascer um deus.
O mais pobre,
o mais simples.*
(Vi nascer um Deus; 2-p.352)

É época do Natal. No entanto só se pensa em "presentes"... "comércio"...

7) *Eternidade:
os morituros te saúdam.*
(Discurso; 2-p. 413)

Reconhecimento da condição humana. Morituros, e depois? Eternidade.

8) *Deram-te um defensor
cego surdo estrangeiro
que ora metia medo
ora extorquia amor.*
(Tu? Eu?; 2-p.429)

O medo de Deus. O amor a Deus. Como interpretar? Deus cego, surdo e estrangeiro, como nos entenderemos?

9) *Meu Deus,
só me lembro de Vós para pedir,*

.....
*E mudo até o tratamento: por que
 Vós,
 tão gravata-e-colarinho, tão
 vossa excelência?*
*...e se agora o trato de você,
 ficamos perto, vamos papeando
 como dois camaradas bem legais,
 um, puro; o outro maldito
 mas amizade é isso mesmo: salta
 o vale, o muro, o abismo do infinito.
 Meu querido Jesus, que é que há?
 Faz sentido deixar o Ceará
 sofrer em ciclo a mesma pena?*

.....
*Você, meu brasileiro,
 não acha que já é tempo de apren-
 der
 e de atender àquela brava gente
 fugindo à caridade de ocasião
 e ao vício de esperar tudo da ora-
 ção?*
*Jesus disse e sorriu. Fiquei calado.
 Fiquei, confesso, muito encabulado,
 mas pedir sempre ao bom amigo
 é balda que carrego aqui comigo.
 (Prece do brasileiro; 2-p.541/542)*

Esta é uma das mais longas orações a Deus deixadas por Drummond. Na relação Deus/Homem, o homem é o eterno pedinte nas horas de aflição, e não é só o brasileiro. Na familiaridade do tratamento e da linguagem bem coloquial entre Deus - o ser puro - e o Homem - quase que maldito - o poeta busca na amizade a possível aliança com Deus. A resposta de Deus é uma grande lição e a advertência para o trabalho humano, contra a inércia e o eterno rezar e esperar que Deus resolva

tudo, tão cômodo e habitual a todos nós brasileiros.

Mesmo assim, Drummond humildemente confessa a mania que carrega sempre dentro de si mesmo: pedir, orar a Deus - o bom amigo. E isso não é ironia, não é humor, não é trágico. É uma confissão das mais humildes e legítimas na obra do poeta, que, em outro texto, "Versos a Deus", confirma a presença de Deus, a marca de Deus, a cicatriz dolorosa de Deus em seu íntimo:

*Bica-me Deus
 de manso nos olhos,
 antes referência
 que repreensão.
 Alisa o bico
 no local. E dói.
 Ao sumir crocita:
 "Hoje eu te perdôo."
 o que Deus perdoa,
 só o sabe Deus.*

Portanto, essa bicada que Deus dá nos olhos do poeta é marca indelével da presença de Deus no mais profundo do seu ser. Sabemos que os olhos são o principal órgão da percepção sensorial e estão estreitamente relacionados com a luz, o sol, o espírito.

Eis por que são o símbolo da percepção espiritual e instrumento da expressão anímico-espiritual.

Deus está presente, perdoadando.

Perdoadando o quê? Torna-se uma questão por demais íntima, na relação misteriosa Deus/Homem. E o poeta, na dor, na inquietude, ouve a voz de Deus.

Nessa dor, na inquietude, "Único"(8-

p.59) mais uma vez desabafará Drummond:

*O único assunto é Deus
 o único problema é Deus
 o único enigma é Deus
 o único possível é Deus
 o único impossível é Deus
 o único absurdo é Deus
 o único culpado é Deus
 e o resto é alucinação.*

E não poderia faltar em sua última obra, *Farewell* - o seu testamento, o seu "Adeus" - a presença de Deus.

Aqui findamos, caros leitores, nossa pequena viagem, nosso tour, pela grandiosa paisagem da obra de Drummond. Deixo com o poeta a mensagem de Natal, para uma reflexão final:

*O Rei criança,
 permanecerá criança mesmo sob
 vestes trágicas
 porque assim o vimos e queremos,
 assim nos curvamos diante do seu
 berço
 tecido de palha, vento e ar.
 Seu sangrento destino prefixado não
 dilui
 a luminosidade desta cena.
 O menino, apenas um menino,
 acima das filosofias, da cibernética
 e dos dólares,
 sustenta o peso do mundo
 na palma ingênua das mãos.
 (01-p.78/79)*

Pedro Jorge Salvador é professor e orientador do curso de Pós-Graduação do Departamento de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

B I B L I O G R A F I A

- 1) DRUMMOND, C. D. A. *Farewell*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- 2) ——. *Poesia completa e prosa*. RJ, Aguilar, 1973.
- 3) CICERON. *De L'ourateur*. Paris, Belle-Letres, 1927.
- 4) BERGSON, H. *O riso*. RJ, Zahar, 1980.
- 5) FREUD, S. *Obras completas* - Edição Standard brasileira. RJ, Imago, 1975.
- 6) JANKELEVITCH, G. *L'Ironie*. Paris, Flammarion, 1964.
- 7) SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia greco-latina*. BH, Itatiaia, 1965.
- 8) DRUMMOND, C. D. A. *As impurezas do branco*. RJ, José Olympio, 1973.
- 9) SHAKESPEARE, William. *Teatro completo*. Trad. Millôr Fernandes. "Hamlet". Porto Alegre, L&PM Editores, 1995.
- 10) DRUMMOND, C. D. A. *O amor natural*. RJ, Record, 1992.
- 11) ——. *A paixão medida*. RJ, José Olympio, 1908.
- 12) BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1973.
- 13) DRUMMOND, C. D. A. *Amar se aprende amando*. RJ, Record, 1985.
- 14) CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghes, 1773.